

É O CORPO QUE SOFRE: OS CAMINHOS DA DOR NA PRODUÇÃO DE PARENTESCO EM UMA *COLÔNIA ALEMÃ* DA ENCOSTA DA SERRA, RS

Everton de Oliveira
evtdeoliveira@gmail.com
CNPq
PPGCSO-UNICAMP
Doutorando

Neste trabalho busco analisar o modo pelo qual a construção do sofrimento se caracteriza como o eixo principal de produção e problematização do parentesco em uma *colônia alemã*. Para tanto, parto de meu trabalho de campo realizado entre 2011 e 2013 em um município que aqui chamo de São Martinho, de pouco mais de 6.000 habitantes, situado na região da Encosta da Serra, RS. A aposta deste artigo é que o sofrimento, relacionado especialmente ao ato de trabalhar, mais do que um estado a ser superado, formava e informava sobre grupos aparentados, em dois sentidos: em primeiro lugar, permitia a circulação de apreciações morais, fundamentais nas distinções e avaliações de si; em segundo lugar, permitia a formação correlata de pessoas, estórias e lugares na dor corporificada pela qual se construíam as narrativas constitutivas de um passado singular, que moldava e se moldava ao cotidiano.

Palavras-chave: Encosta da Serra – Parentesco – Sofrimento

APRESENTAÇÃO

Neste trabalho busco analisar o modo pelo qual a construção do sofrimento se caracteriza como o eixo principal de produção e problematização do parentesco em uma *colônia alemã* da Encosta da Serra – São Martinho¹⁵², município com pouco mais de 6.000 habitantes, vizinho de Germana, maior município da região, com cerca de 27.000 habitantes (IBGE, 2010). Pelo escopo do artigo e por suas dimensões, privilegiarei um caso que acompanhei durante todas as minhas visitas a São Martinho, que não tomarei enquanto objeto de estudo, mas enquanto objeto heurístico para a problematização analítica – o caso de Rubens, de sua história e de sua extensão, medida pelas marcas do trabalho na *roça*¹⁵³ de sua

¹⁵² Todos os nomes – e sobrenomes – de pessoas, lugares, cidades ou instituições, assim como as datas oficiais, diretamente relacionadas à pesquisa, foram alterados. A alteração procura evitar qualquer tom denunciativo ou jornalístico a este texto, assim como busca preservar a identidade de meus colaboradores de pesquisa, sem os quais este trabalho não poderia ser escrito.

¹⁵³ As palavras em itálico são, em sua totalidade, categorias sociais próprias a São Martinho. Grande parte destas categorias estrutura a análise etnográfica e, por isso, serão desenvolvidas e problematizadas no próprio corpo do texto.

família. Do mesmo modo, centrarei a análise o tanto quanto possível na problematização do parentesco e dos agrupamentos que se formam a partir do par trabalho/sofrimento, não sem referências, quando necessário, aos problemas correlatos – já notando que correlação é uma categoria fundamental em uma etnografia da Encosta da Serra. Do caso de Rubens, abrirei a etnografia para a singularidade da ideia de comum em São Martinho, a partir do modo como o sofrimento direcionado informava e formava estrategicamente a *comunidade* de *alemães* – ela própria composta de *famílias*, *casas* e *parentes*. Encerrarei trazendo para a discussão o modo pelos quais as fronteiras e os limites da *comunidade* de São Martinho efetuavam-se cotidianamente, o que não podia ser apreendido se não no modo diferenciado de produção de cada *alemão* e de cada *alemoa*. Minha aposta é que *comunidade* abriga privilegiadamente os caminhos pelos quais o cotidiano se realiza, principalmente a partir das narrativas que oferecem suas fronteiras, seus limites e sua trama relacional. A substância, aquilo que perpassa e oferece estes caminhos, é a dor e o sofrimento, comumente associados à principal atividade para os *alemães*, o trabalho. Aquele que *trabalha se judia*, e aquele que já é *judiado* pela vida, é porque não deixou de *trabalhar*. Por fim, o que se forma por estes caminhos são coisas muito diversas: um passado mais ou menos organizado – tempo das *famílias pioneiras* –; lugares de referência – a *comunidade*, as *casas*, e as *roças* –; agrupamentos privilegiados – *família* e *parentes* –; singularidades – o *alemão*, a *alemoa*, os *guris* e os *xwarts* –; e uma moral estratégica – o comedimento, a disposição e a religião. Para a sua definição, todas essas categorias oferecem aberturas para as demais.

OS CALOS DA MÃO, AS DORES DA MÃE

Em meados de 2011 conheci Rubens. Como toda a sua *família*, ele era um *alemão* de São Martinho, morador da Vila Jung, bairro distante do Centro. Após este primeiro encontro tornei a visitá-lo em novos períodos de campo, assim como passei a conviver com outros moradores do Centro, onde eu morava, e criar para mim uma rotina própria em São Martinho. Entretanto, as visitas eram especialmente empolgantes, pois Rubens tinha a capacidade de transformar em estórias aquilo que era difuso no cotidiano, o que me foi fundamental para guiar-me pelas falas, conversas, fofocas e notícias com que me deparava no dia-a-dia do Centro. Em uma dessas visitas, ele falava-me sobre uma matéria que passava na televisão,

sobre qualidade de vida, que assistia com sua mãe, dona Joanna, de 88 anos. Tratava-se de uma reportagem sobre uma mulher de 90 anos de idade, que se exercitava nas ruas do Rio de Janeiro, e não tinha qualquer problema de saúde.

Aí perguntaram pra ela o que ela havia feito da vida: tinha sido dona de casa e cuidava do serviço da empregada. Bah! Eles tinham que entrevistar alguém que realmente trabalhou a vida inteira. Minha mãe ficou viúva quando tava grávida de mim. Tinha oito filhos pra criar, contando com o que estava na barriga. E viúva! Criou todos, cuidou da *roça*, nenhum causou problema e ela ainda está aí, com 88 anos! (Rubens, 13/01/2013).

Rubens era um daqueles martinenses que podia identificar-se enquanto um *alemão* não apenas pelo sobrenome, filiação, parentesco ou afinidade religiosa, mas também porque era um *alemão* descendente de uma das *famílias pioneiras*, além de poder se incluir em um dos grandes ramos de parentesco de São Martinho, os Gross – eram *parentes*, o que neste caso significa que estabeleciam parentesco apenas se seguíssemos a linha materna até a 3ª geração ascendente. Sua história, assim como a de sua mãe, estava intimamente ligada a de seus avós, não apenas pela filiação, mas também pela coresidência, a *casa Schubert-Keller*, construída por seu bisavô de linha materna – um Schubert –, em 1896. Seus ancestrais imigraram para a Encosta da Serra por volta de 1860, e iniciaram a obra da casa que seu bisavô terminou. Sobre a construção, Rubens dizia-me que tudo fora feito por sua *família*, das telhas do telhado ao enxaimel de sustentação. Para projetar-me a imagem da qualidade da construção, dizia-me que mesmo sob forte temporal a casa mantinha-se segura, e sequer uma gota caía para dentro da casa. A estrutura era tão sólida, enfatizava Rubens, que na época da pesquisa ele ainda mantinha por lá a sua *roça*, onde plantava batatas para consumo e para a venda, assim como outros gêneros de consumo¹⁵⁴.

Mas sobre o que está feito, permanece a dor daqueles que fizeram. “Olha, essa gente se *judiou* quando eles começaram” (Rubens, 28/07/2012). Essa gente envolvia seus ancestrais e as demais *famílias pioneiras*, aos quais dificilmente um *alemão* ou uma *alemoa* não dizia: “eles fizeram tudo quando chegaram aqui”. As estradas de Porto Alegre até a Encosta da

¹⁵⁴ Os mais comuns, em São Martinho, além da batata, eram o milho, as hortaliças, a acácia para produção de lenha, além da criação de vacas de leite, aves para ovos e consumo, e porcos que, além dos cortes tradicionais, permitia a produção da *linguiça colonial*, altamente apreciada entre *alemães* e *alemoas*.

Serra, as igrejas, as escolas, as casas, os locais de atendimento médico, as roças: tudo era creditado ao *trabalho* dos imigrantes, única e exclusivamente. A *casa* de 1896 não era diferente. Tudo se iniciou pelo paiol, pois a única renda provinha da *roça* e era por lá que seus antepassados se acomodavam, enquanto o restante da casa não estava pronta. Depois de terminada a construção, toda a *família* permaneceu por lá, até Rubens decidir construir uma nova casa para ele e sua mãe, há cerca de 10 anos atrás. Seu irmão permaneceu na antiga *casa*, onde mantinha com Rubens uma *roça* conjunta. Antes disso, porém, ambos e os demais irmãos foram criados nesta mesma *roça*. Sobre a rotina de sua infância, Rubens dizia-me: “Olha Everton, no meu tempo de *guri*, eu e meus irmãos acordávamos às 5h e já ia pra *roça*, na casa da minha mãe. Depois ia pra escola, voltava, almoçava e já ia pra *roça* de novo. Não tinha esse negócio de ficar na rua” (Rubens, 17/07/2012).

A respeito de sua própria casa, Rubens também se *judiou* para construí-la. Mas esta dor, este tipo de sofrimento que tem no corpo sua principal fonte histórica, não é motivo de lamentação ou reticências: Rubens estava era contando vantagens sobre os novos *guris* de São Martinho que tinham tempo livre após a escola, fato diretamente relacionado, para ele, aos pequenos furtos que passavam a ocorrer na cidade. No entanto, isto não era um espanto para ele, e nem para os demais *colonos alemães*. Estes, que enquanto *colonos* dedicavam-se majoritariamente à sua *roça*, especialmente aqueles que buscavam vender parte de sua produção, sabiam que os *guris* e *gurias* de São Martinho estavam interessados pelas *fábricas*, as tantas indústrias calçadistas que haviam absorvido mais de 21% de sua população (MTE, 2012) para a linha de produção. Isto não era um processo tão novo na cidade, posto em marcha de uns 15 anos para cá. Mesmo empregados nas *fábricas*, muitos *alemães* e *alemoas* procuravam manter uma pequena *roça* em seu terreno, enquanto muitos já não mantinham. Conta-se ainda a grande parte da geração que estava terminando seus estudos no ensino médio, que sequer se interessavam pelo trabalho na *roça*, o que deixava os *colonos* preocupados com o futuro de sua produção – a *continuidade*. O *trabalho* ainda era o mote para grande parte de *guris* e *gurias*, mas isto agora era vinculado à indústria calçadista que, como diziam, estava sempre contratando. Rubens não compreendia muito bem todo este

processo, justamente ele, para quem o passado de sua *família*, de toda a *comunidade*, mas especialmente de sua mãe, estava em cada calo de suas mãos.

A DIREÇÃO DO SOFRIMENTO, A GÊNESE DO COMUM

Nesta equação dois termos permaneciam inalterados, fosse entre os *colonos*, fosse entre os trabalhadores das *fábricas*: a relação ente trabalho e sofrimento. A superioridade moral implícita nesta relação também não havia se alterado. Pois, a despeito de toda a reorganização do trabalho que as indústrias calçadistas representaram em São Martinho, uma referência ainda transitava pelas falas de seus moradores, a *comunidade*. Mas, se não eram os calos daqueles que viveram para e pela *roça* que expressava privilegiadamente a história de sofrimento de toda a *comunidade*, o que seria? A própria dor, o próprio sofrer. No início de 2013, uma figura polêmica de São Martinho discorreu sobre o assunto. Júlio havia sido secretário de saúde por 4 anos, e estava deixando a Secretaria para assumir outra, a de Planejamento e Assistência Social. Nasceu e viveu em São Martinho, e participou da história política do município desde a década de 80. Reuniu-se então com seus ex-funcionários e me permitiu participar da reunião, na época em que eu já o conhecia havia dois anos. Uma de suas pautas, como historiador que era, tratava de onde todo aquele aparato administrativo municipal havia saído.

Segundo Júlio, tudo se iniciara com o *trabalho* e o sofrimento das *famílias pioneiras*. Naquele tempo havia *companheirismo*, *senso de comunidade*. Cada *família* construía sua própria *casa* e, depois, ajudava a construir a *casa* das outras *famílias*. Como não tinham professor, escolheram a pessoa de *melhor índole moral* para ensinar língua e religião para as crianças. Como também ainda não tinham padre, escolheram uma pessoa de *tão boa índole moral* para cuidar da religião. O primeiro local ocupado pelos imigrantes na região que viria a formar São Martinho – e que formava as “terras do fundo” de Cruz do Bonfim, município atualmente pertencente à região metropolitana de Porto Alegre – foi o Morro da Mata, próximo ao vale central do município. O primeiro edifício de uso comum construído pelos moradores do Morro da Mata foi uma capela, em torno do qual a primeira missa foi realizada em 1858. A Linha de São Martinho, localizada no vale formado pelas montanhas da Encosta

da Serra – onde atualmente se encontra o Centro da cidade – foi ocupada posteriormente ao Morro da Mata, em 1853. Boa parte da preparação do terreno para moradia ficava a cargo dos próprios colonos, inclusive a construção da estrada que ligaria São Martinho a Germana, região colonizada anteriormente, em 1830.

“Ou era trabalhar ou morrer de fome” dizia-me Rubens em outra ocasião a respeito das *famílias pioneiras*. O *trabalho*, para os alemães assumia deste modo dois níveis de realidade: o primeiro deles era um nível ético, de constituição; o segundo, um nível moral, de julgamento. Quanto ao primeiro nível, o trabalho era acompanhado do sentimento que lhe foi associado até agora, o de *judiar-se*. O que se formava na efetuação cotidiana deste eixo ético-moral era justamente um modo de socialidade que formava e informava sobre corpos, pessoas, *casas, famílias, roças, parentes*, governo e, claro, o passado e suas narrativas. Este modo era justamente a *comunidade*. Quanto ao primeiro nível etnográfico da relação trabalho/sofrimento – de constituição – é necessário precisar alguns pontos.

A *comunidade* era justamente aquilo que Júlio definiu: um *senso*. Se fosse preciso definir seus limites, os moradores de São Martinho o fariam sem problemas, e faziam. No entanto, isto variava de uma para outra descrição, o que certamente não se tratava de inconsistência, mas de um signo menor (Deleuze e Guattari, 2007, p. 13-20; 92-106), que buscava informar sobre uma realidade que era dependente das formações que lhe eram decorrentes e que lhe estabeleciam territórios, limites e proximidades variáveis: justamente um tipo particular de socialidade. Sua especificidade estava em abrigar privilegiadamente os caminhos pelos quais se enredavam histórias, lugares e pessoas, que não estabeleciam apenas conexões entre si, mas formavam um novelo (Ingold, 2011, p. 141-175), isto é, definiam-se em seus entrecruzamentos, produzindo narrativas, ambientes e pessoas correlatas. A *comunidade* era então como a especificidade deste movimento, acionado e percorrido pelas histórias de um passado que redesenhava suas fronteiras, e pelo qual grande parte deste passado se enredava pelo trabalho e sofrimento de *alemães e alemoas*. Seu acesso era sempre um processo singular, que causava aquilo que Marques (2002, p. 34-37) chamou de “efeito de perspectiva”: sua consistência, extensão ou mesmo efetividade estava sempre vinculada a um processo demarcação de fronteiras, de produção de um lado de dentro e de subjetivação,

desde que se entenda, por este termo, a produção corelata de pessoa e corpo (Foucault, 1995, p. 231-239; 1988; p. 26-31; Deleuze e Guattari, 2007, p. 61-107; Deleuze, 2008, p. 101-130). E do mesmo modo que o trabalho era o problema ético por excelência entre *alemães* e *alemoas*, era também o *trabalho* enquanto categoria, que modulava mais do que qualquer outra categoria toda uma circulação de apreciações morais em operação em São Martinho. Através dela julgavam-se *alemães* e *alemoas*, *guris* e *gurias*, *encostados* e *preguiçosos*. Nesta série de recortes havia ainda a língua: todo este jogo moral não se dava em *brasileiro*, mas primordialmente em *deutsch*, ou *hunsrik*. O *hunsrik* era a língua que regia a categorização de todo este processo, o modo de expressão singular pelo qual era possível problematizar as condutas e operar as apreciações que as julgavam. O *hunsrik* fazia com que a própria fala de um *alemão* ou uma *alemoa* os distinguisse em sua heterogeneidade.

Enquanto preceito ético, então, o ato de trabalhar estava intimamente relacionado à circulação de julgamentos morais, o que implica que mostrar-se adequado e disposto ao trabalho era tão importante quanto o ato de realizá-lo, e era justamente o peso desta moral que recairia sobre os ombros daqueles que pudessem ser tomados enquanto *preguiçosos* ou *encostados*, ou ainda pior, enquanto um *xwarts*, termo em *hunsrik* para aqueles que se supunha ser *de fora*, aos quais a preguiça não seria uma projeção, mas uma condição. Inevitavelmente, esta moral não era constante, e dependia das situações em que era ativada, como um jogo, no qual se tratava sempre de guardar para si – seja uma pessoa ou um grupo – aquilo que era moralmente aceito e reservar para o outro aquilo que deveria ser desdenhado, o que Herzfeld (1987, p. 140) chamou de “*shifter moral*”, enquanto uma operação estratégica de avaliação moral, que acionava o *nós* e o *eles*, aquilo que era atributo pessoal e aquilo que era a falta deste atributo; enfim, uma avaliação daquilo que era admirável e daquilo que era desdenhado. Tudo isto dependia da situação em que o *trabalho* era utilizado enquanto categoria.

No entanto, em relação ao acesso privilegiado à *comunidade*, o trabalho se realizava vinculado ao sentimento que lhe era resultante, o sofrimento. E de onde partir para este acesso? Daquilo que era resultante deste par, o *alemão*, a *alemoa*, a *casa*, a *família*, os *parentes* e a *roça*.

ATOS CORRELATOS: A COMUNIDADE VISÍVEL

Para um etnógrafo, o sofrimento dos *alemães* não é algo que lhe é oferecido em sua chegada a São Martinho. Após o estranhamento mútuo inicial causado pela novidade do lugar – para mim – e pela presença de um *de fora* – para os moradores –, o que permaneceu foi uma rotina de pesquisa, mas também da cidade. Pois uma característica fundamental do preceito de não deixar de trabalhar era estabelecer uma divisão temporal rígida, principalmente entre a hora do trabalho e a hora de descanso, ambas igualmente importantes. Nesta rotina, a boa conduta com relação ao trabalho se expressava na boa divisão do tempo, o que implicava maturidade para não faltar ao trabalho, mas também não faltar aos amigos, à *família*, aos *parentes* e aos cuidados da *casa*. E nesta rotina, era justamente a materialidades destas formações que se me mostravam acessíveis.

Rubens se formava nesta rotina, assim como Júlio. Ambos poderiam ser chamados de *alemães*. Pois, apesar de implicados em uma socialidade específica que era a *comunidade*, São Martinho oferecia processos de individuação bem definidos, o que, aliás, está intimamente relacionado com a série de julgamentos morais que circulava pela cidade. No entanto, estes processos de individuação não eram fechados, eram operativos e operados por uma série de situações que os relacionavam às demais formações da *comunidade*. Estes processos não eram simplesmente ético-constitutivos, e muito menos moral-apreciativos: eles envolviam estes dois níveis, ocorriam em uma perspectiva transversal, isto é, eram estratégicos e, por isso mesmo, funcionavam enquanto atos¹⁵⁵ de individuação, sempre dependentes da relação entre trabalhar/sofrer e julgar/ser julgado.

De que modo então Rubens era um *alemão*? Seu caso, em particular, era raro em São Martinho, especialmente no que se tratava de sua *casa* e de sua *família*. Em especial, havia o fato de Rubens ainda ser solteiro – *sozinho*¹⁵⁶. Isto é, sua nova casa não compunha

¹⁵⁵ Atos enquanto transformações que não se tornam constantes ou permanentes, não ganham o estatuto de “identidade”. Ver, sobre isto, Bakhtin (1997, p. 153-200) e Butler (1990, p. 128-141).

¹⁵⁶ *Sozinho* não é uma categoria nova em etnografias. Volto-me para uma das primeiras etnografias de Bourdieu (2006, p. 91), realizada no Béarn, sudoeste francês, onde encontrou a mesma categoria sendo utilizada para significar a situação em que um homem não possuía uma relação estável com uma mulher, um quase sinônimo para solteiro.

fundamentalmente uma *casa*, no modo como esta categoria era operada entre os *alemães*, fato observável sempre que Rubens referia-se à sua unidade doméstica em relação à *casa* de 1896, de seu bisavô. Pois, apesar do sinônimo ao conceito lévi-strussiano¹⁵⁷, a *casa*, em São Martinho, indica um movimento dinâmico de familiarização (Comerford, 2003, p. 209-228), marcado principalmente pela solidariedade no *trabalho em comum* da *família* que busca mantê-la, que estabelece a contrapartida de definir os limites desta mesma *família*. Trata-se, então, daquilo que Marques (2002, p. 129-130) observou também entre as vinganças de famílias no sertão de Pernambuco, de um cognatismo, isto é, de alianças e solidariedades que influem na proximidade e nas distâncias entre *famílias* e *parentes* que, quando acionados, podem formar grupos ou heterogeneidades, conforme o caso. O parentesco é resultante e influente, mas não o princípio ativo.

As expectativas em relação à constituição de uma *casa* em São Martinho envolvia, também, a maturidade que separa um *alemão* ou *alemoa* de um *guri* e de uma *guria*. Fundamentalmente, esta maturidade envolvia a capacidade de manter uma unidade doméstica, mas também de constituir sua própria *família*, que envolve casar-se e ter os próprios filhos. Era esperado que tanto um *guri* quanto uma *guria* iniciasse a vida de trabalho logo que terminado o ensino fundamental – efeito direto das *fábricas*, já que, entre aqueles que dependiam exclusivamente da *roça*, o trabalho iniciava-se ainda mais cedo –, para que, ao casar-se, não permanecesse na casa dos pais. Em outro sentido, Rubens construiu sua nova casa mesmo permanecendo *sozinho*, e levou dona Joanna, sua mãe, como ele, deixando a *casa* de sua *família* para seu irmão e sua nova *família* – o que também criava uma situação incomum em São Martinho, já que a *roça* de Rubens permanecia por lá. Ainda assim, para dar conta de sua especificidade nesta grande rede de parentesco que envolve São Martinho e de sua heterogeneidade nesta condição que envolvia a *comunidade*, era para *casa* de 1896 que Rubens recorria.

¹⁵⁷ A categoria *casa* implica um certo conforto para a análise, pois encontra similitude no conceito formulado por Lévi-Strauss (1979, p. 143-167). Entretanto, não pode ser isenta de problematização. Para o autor, a *casa*, enquanto uma “pessoa moral”, atua na definição de quem é “natural” e quem é “de fora”. Compõe em si forças de orientações contrárias, como filiação e residência, descendência matrilinear e patrilinear, exogamia e endogamia etc (p. 160-164). Entretanto, as compõem em uma rede de direitos e obrigações, que tem na organização de parentesco seu meio de funcionamento, mas o dobra, e não oferece qualquer solução definitiva de organização social.

Evidentemente, lá era sua *casa*. Foi lá que Rubens *judiou-se* grande parte de sua vida no trabalho pesado da *roça* de sua mãe, e era por lá que ele permanecia trabalhando. Foi lá que Rubens sentiu a disposição necessária para não deixar de trabalhar, que pôde sentir-se enquanto um *alemão*, e ter seu corpo formado pela mesma força atribuída àqueles que eram chamados de *pioneiros* e que formaram a *comunidade*. A mesma *casa*, então, que permitia que Rubens sentisse-se ligado com a *comunidade* por partilhar uma dor e um sofrer comum, ainda que permitisse, pela categorização da mesma dor e do mesmo sofrer, a emergência de um território singular de parentesco. Pois, a despeito de filiação, alianças, sobrenomes, geração e descendência, era o trabalho e seu fazer sofrer que indicava privilegiadamente as proximidades e as distâncias em São Martinho, que fazia expressar-se na própria corporeidade do *alemão* e da *alemoa* a dor que provinha e que era constitutiva de sua *roça* – ou de seu emprego em alguma das *fábricas* –, de sua *casa* e de sua *família*. Não por menos, era a esta mesma dor que se recorria na definição de cada uma destas formações e de si mesmo, assim como era por sua partilha cada vez menor que se estabelecia as proximidades de certos *parentes*, até o limite da condição que une a todos, a *comunidade*.

Pois, “se você for até o fim, todos acabam sendo da mesma família”, como me dizia Beatriz Beyer, historiadora e genealogista de São Martinho, e *alemoa*. Para Beatriz, todo o trabalho de catalogação das famílias de São Martinho já havia sido feito, especialmente em dois livros que ela ajudara a organizar. O que lhe permitia dizer: “se for até o fim, se estender a genealogia até os *colonizadores*, todos são da mesma família” (*idem*). De fato, todos os sobrenomes com os quais eu tive contato – Hoff; Jung; Beyer; Gross; Keller; Schubert; Berg; Bauer; Haus; Denner etc – aparecem na planta topográfica e na catalogação dos lotes de Cruz do Bonfim de 1870. Alguns deles se repetem mais vezes que os demais, ou então ganham proporções e visibilidade maiores – como Jung; Gross; Haus e Bauer. No fim, todo um plano de parentesco era traçado pela repetição dos sobrenomes trazidos pelos colonizadores – e que se repetem no uso cotidiano –, assim como pelos nomes, em menor grau, no qual, se fosse o caso, seria simples para Beatriz saber quem é *de fora* e quem é *alemão*.

No mapeamento das *famílias colonizadoras*, o que se oferecia era a concretude de um nascimento comum, a evidência que a mesma *comunidade* que se formou no século XIX

ainda agitava seus descendentes, dos quais não escapava sequer uma *família* de São Martinho. No entanto, esta condição comum se expressava estrategicamente, operava enquanto uma possibilidade de distinção, especialmente na tarefa de deixar os *de fora* efetivamente para fora da *comunidade*. E, como observado até agora, a categorização deste lado de dentro que era a *comunidade* era imensamente dependente da constituição de um lado de dentro ético-moral – os *alemães* e as *alemoas* –, processo vinculado aos julgamentos morais que se fazia a respeito de um *xwarts* ou, menos frequentemente, a respeito de um *preguiçoso* ou *encostado*. De modo que, em relação àquilo que movia os *alemães*, era o extremo oposto que se encontrava em um *xwarts*. Pois, se o sofrimento possuía a capacidade de produzir um corpo na dor compartilhada de seu trabalho, de sua *família*, de sua *casa*, de seus *parentes* e, no limite, de sua *comunidade*, a *preguiça* de um *xwarts* era o que lhe retirava completamente deste eixo ético-moral, desta condição social. Assim, a *comunidade*, enquanto um modo específico de socialidade em São Martinho, tornava-se acessível sobretudo nestes atos de individuação, nos quais seu principal efeito – constituição e categorização de um *alemão* e de uma *alemoa* – implicava a formação correlata de grupos específicos, dependentes de um eixo ético-moral estratégico, que era o trabalho e o sofrimento.

A COMUNIDADE: ADMINISTRAÇÃO DA DOR E FRONTEIRAS EFETIVAS

Para finalizar, vale notar que a dor e o sofrimento relacionado à entrega ao trabalho não produzia uma individuação indistinta, mas vinculava-se à atribuição processual da diferença, isto é, resultava em individuações singulares. Pois, o sentimento que fazia com que pessoas e grupos se formassem pela e partilhassem a mesma dor e, no limite, se identificassem pela mesma corporeidade resultante era, justamente, apreciada de modos distintos por cada morador e moradora de São Martinho, fazia com que, *alemães* e *alemoas* não apenas se diferenciasssem e fossem diferenciados por um jogo de expectativas de conduta, mas inseria estas mesmas expectativas em uma relação singular com o sofrimento – como para Rubens, que não bastava dizer-se um *homem alemão*, mas o *alemão* específico fruto da dor de uma *casa*, de seus antepassados, de sua *família*, de seus *parentes*.

Nisto estava o modo como a *comunidade* de São Martinho, assim como seu passado fundador das *famílias pioneiras*, tornava-se atual. Este não era um processo indistinto: seus limites, as fronteiras da própria *comunidade* eram talhadas nos limites da dor de cada corpo, de cada pessoa, de cada *família*, de cada grupo de *parentes* e de cada *casa*, ou, de outra forma, nos contornos de um *alemão* ou de uma *alemoa*. A *comunidade* era uma cartografia em processo, um novelo de caminhos sobre o qual sofrer traçava seus acessos e suas vias principais, de acordo com a capacidade constitutiva deste sentimento em formar cada corporeidade, assim com a sua administração moral, que singularizava cada conjunto corporal em sua vinculação específica com a socialidade martinense. Prezar pela conduta em relação ao *trabalho*, assim como sofrer seus efeitos *judiando-se* em sua realização, constituía assim um lado de dentro não apenas em cada *alemão* e *alemoa*, traçando-lhes uma realidade ética em cada ato de individuação, mas também oferecia um mapa sobre o que estava para dentro e o que estava para fora da *comunidade*. Sobre as tramas relacionais da *comunidade* de *alemães*, a análise não se dirige a um grupo, muito menos à relação entre pessoa e grupo: dirige-se à dor e ao sofrimento, sua potência constitutiva e significativa, capaz de delinear o que é visível e crível na Encosta da Serra.

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, Mikhail. 1997. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BOURDIEU, Pierre. 2006. O Camponês e seu Corpo. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, n. 26, p. 83-92.
- BUTLER, Judith. 1990. *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity*. Nova Iorque/Londres: Routledge.
- COMERFORD, John Cunha. 2003. *Como Uma Família: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- DELEUZE, Gilles. 2008. *Foucault*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. 2007. *Mil Platôs*. São Paulo: Editora 34, Volume 2.

FOUCAULT, Michel. 1995. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, H. & RABINOW, P. *Michel Foucault, Uma Trajetória Filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, p. 231-249.

_____ 1988. *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

HERZFELD, Michael. 1987. *Anthropology Through the Looking Glass: critical ethnography in the margins of Europe*. Cambridge: Cambridge University Press.

INGOLD, Tim. 2011. *Being Alive: essays on movement, knowledge and description*. Nova Iorque: Routledge.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). 2010. *Base de Dados do Censo*. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=43&dados=1>>. Acessado em: 08/09/2014.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1979. *A Via das Máscaras*. Lisboa: Editorial Presença.

MARQUES, Ana Claudia. 2002. *Intrigas e Questões. vingança de família e tramas sociais no sertão de Pernambuco*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E DO EMPREGO (MTE). 2012. *Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), Perfil do Município*. Disponível em: <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_perfil_municipio/index.php>. Acessado em: 20/11/2012.